

ESTRATÉGIA DE ENSINO E O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS VISUAIS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Patricia da Costa Menezes Miranda¹
Bruna Vianna da Cruz Arruda²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar como são realizadas as estratégias de ensino e o uso de materiais didáticos visuais na educação dos alunos surdos do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - CAP/INES³. Assim, a partir das experiências das práticas do cotidiano escolar de turmas do 3º e 4º anos do Ensino Fundamental I pretendemos mostrar os caminhos percorridos neste processo, viabilizar possíveis estratégias e metodologias de ensino as quais acreditamos ser indispensáveis para nortear as ações pedagógicas com os alunos surdos. Para tal, se faz necessário o debate sobre a grande importância de proporcionarmos um processo de ensino-aprendizagem lançando mão dos artefatos visuais, que demonstram ser um fator indissociável e fundamental para o processo educacional.

Desta forma, apresenta-se o trabalho desenvolvido nas aulas de Geografia com os alunos na instituição e apontam-se os suportes pedagógicos utilizados para este ensino. O ponto de partida do trabalho culmina em compartilhar os recursos didáticos e as estratégias metodológicas desenvolvidas e a elaboração de materiais didáticos, com intuito de atender e dar suporte ao processo de ensino. Neste sentido, nossas práticas voltam-se a intensificar estudos sobre a produção e estratégias didáticas, a fim de preconizar o processo de ensino destes sujeitos, uma vez que, poucos são os materiais disponibilizados e acessíveis ao ensino de surdos numa perspectiva bilíngue.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada nos aportes da metodologia de estudos de caso(YIN, 2001) que nos mostrou seu potencial como a melhor estratégia para compreendermos e descrevermos os métodos os quais as professoras se apropriaram para realizar suas ações pedagógicas. Assim, por meio da técnica de relatos de experiências, foi possível coletar e analisar o contexto das aulas realizadas. Logo, com os registros e observações das aulas das professoras do Ensino Fundamental I, especificamente com turmas de 3º e 4º anos, mostramos os caminhos e o modo os quais as mesmas utilizam no trabalho de educação de surdos no que tange o conteúdos curriculares da Geografia. Nossa intenção foi dar visibilidade ao trabalho realizado mostrando as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas, bem como a proposta de elaboração dos materiais didáticos. Desse modo, tomou-se como ponto de partida o plano anual de ensino, e fez-se a seleção dos conteúdos que seriam trabalhados no trimestre, relacionando temas que são trazidos pelos alunos, ou até mesmo os que surgem como dúvida ou questionamento.

¹ Mestre em Educação(UFRJ) e professora do Instituto Nacional de Educação de Surdos(INES)-RJ; menezes.patriciac@gmail.com;

²Mestranda em Diversidade e Inclusão - CMPDI/ Universidade Federal Fluminense- RJ; vianna_bruna@yahoo.com.br

³ Projeto de ensino desenvolvido no Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos(INES)

Por se tratar a pesquisa fruto de um projeto de ensino desenvolvido no CAP/INES é importante ressaltar que somos autorizados a divulgar o trabalho realizado na escola, que por ser uma Instituição de ensino de referência no campo de educação de surdos, temos o importante papel de promover escritas de nossas ações pedagógicas, a fim de contribuir para o campo da educação de surdos e dar visibilidade ao trabalho realizado na busca a promover melhorias no ensino.

Vale ressaltar que, por se tratar de ensino de surdos, é fundamental elaborarmos atividades que abordem temáticas das quais os alunos participem e vivenciem ativamente, que contribuíssem de maneira positiva para o desenvolvimento escolar dos mesmos, e para a leitura de mundo.

Desta forma, reuniu-se os conteúdos programáticos organizando-os em forma de blocos de atividades, e assim, elaboramos as atividades pedagógicas destrinchando cada temática e objetivo distinto de ensino, e no cruzamento desse material é utilizado a LIBRAS como principal fio condutor, permitindo espaços para construção do objeto estudado primeiramente construído na sua primeira língua e também a utilização de imagens sinalizada, de forma a dar autonomia de trabalho aos alunos na realização das tarefas.

Para mostrar os caminhos metodológicos de ensino com os alunos surdos até realização das estratégias pedagógicas na construção dos materiais didáticos, exemplificaremos algumas atividades realizadas ao longo do ano letivo de 2018 e o primeiro trimestre de 2019.

Na primeira ocasião, a proposta curricular de trabalho foi apresentar e explorar o conteúdo da área de conhecimento geográfico -localização espacial /bairro - e suas imediações com turmas do 4º e 3º ano das séries iniciais. Tendo como ponto de partida uma aula passeio com os alunos pela rua das Laranjeiras, apresentando o bairro no qual está situada nossa escola e suas imediações. Compreendemos compreendendo por imediações tudo que compõe o espaço físico do bairro e suas características. A partir dessa experiência visual, foi possível identificar junto aos alunos componentes do currículo formal, como: os nomes de ruas próximas, números dos estabelecimentos comerciais e prédios, tipos de construções, bem como perceber a dinâmica espacial de organização do bairro e a nossa localização durante o passeio, tendo como referência a escola.

Em nossa dinâmica de trabalho com os alunos preconizamos as experiências em campo⁴ como um recurso visual que antecede o ensino formal, com objetivo de oportunizar ao discentes previamente a experiência espaço visual, proporcionando contato direto com elementos que norteiam tópicos do currículo, realizando assim, uma antecipação do que será desenvolvido em sala de aula nos materiais didáticos elaborados.

Com tais estratégias, oportunizamos a contextualização dos conceitos que pretendemos desenvolver e trabalhar com os aprendizes surdos. Após o movimento exploratório, baseado na observação e relação do que foi vivenciado, partimos para elaboração de materiais didáticos com o suporte de imagens do passeio realizado, construção de vídeos com registros do passeio para identificação e abstração dos conteúdos, no intuito de ampliar o aprendizado.

DESENVOLVIMENTO

Com uma proposta pedagógica de matriz bilíngue, no qual o ensino é instruído em Libras (L1) e o Português é ministrado como segunda língua (L2) conforme Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. O ensino bilíngue (FAVORITO, 2006) para surdos não pode ser pautado na adaptação de matérias

⁴Experiência em campo - descrevemos como experiência em campo, atividades realizadas em ambientes externos ao da sala de aula, como aulas passeio e atividades exploratórias, que possam antecipar ao aluno o que será estudado no ambiente formal de ensino.

destinados à educação de alunos ouvintes, e sim na criação de materiais autênticos, métodos e estratégias que atendam realmente as necessidades educacionais deste público.

Seguindo essa perspectiva de trabalho, existe a necessidade de elaboração de material pedagógico específico que atenda esta intenção de ensino, pois as especificidades de ensino dos aprendizes surdos são pautadas na visualidade, assim justifica-se um trabalho de ensino orientado pela perspectiva da Pedagogia Visual⁵ como descreve Campello (2007), fazendo uso das experiências visuais. E, como salienta Lebedeff (2017, p.248), “A surdez existe e necessita de uma proposta pedagógica nova, pensada para suas singularidades linguísticas e culturais. Os surdos não querem adaptações, não querem ser representados como simulacros de ouvintes”

Diante da necessidade da criação de materiais didáticos bilíngues adequados e de estratégias pedagógicas apropriadas para o ensino de alunos surdos, nosso o material didático utilizado na escola precisa ser produzido. E, diferente de outras instituições, diante do paradigma educacional bilíngue bicultural de nossa instituição, não podemos nos apropriar dos livros didáticos, em geral pensados para educação de estudantes ouvintes e com perspectivas etnocêntricas e monoculturais, como instrumento preconizador de nossas intenções pedagógicas, pois as mesmas não condizem com a realidade educacional dos sujeitos surdos, que demandam uma metodologia de ensino apropriada as suas especificidades, dentre elas a leitura visual do mundo.

Essa tarefa na construção desses materiais específicos e estratégias de ensino para educação de surdos não podem ser consideradas um movimento fácil, pois pensar em propostas de ensino para os sujeitos surdos, requer primeiramente uma imersão na cultura, na sua forma espaço-visual de ler o mundo e tempo para construir um material significativo de maneira que não coloque o sujeito surdo em questões minoritárias e discriminatórias.

Desta forma, ingressamos nesse campo intensificando a necessidade de construção de um processo de ensino-aprendizagem significativo, respeitando a leitura de mundo dos educandos, tornando-os autores e protagonistas do seu processo de formação (FREIRE, 2012). O surdo tem especificidades no cotidiano escolar que requer adaptações curriculares visto que não podemos fazer uso dos mesmos artefatos pedagógicos que utilizaríamos com os ouvintes, pois há diferenças lingüísticas.

A diferença cultural existe e precisamos percebê-la de forma a respeitar os seus preceitos e reconhecer os aspectos políticos, lingüísticos, identitários e culturais que constituem a sua essência. Neste sentido compreendo a educação de surdos como uma prática educativa que precisa embasar suas propostas de ensino com foco no reconhecimento da especificidade da cultura surda e da leitura de mundo a partir de uma perspectiva da visualidade.

Articula-se em nosso estudo, uma discussão vista pela ótica do Multiculturalismo em educação com respeito a diferenças e valorização das identidades silenciadas, a qual levanta as discussões sobre os processos de ensino de identidade de grupos minoritários. Sendo assim, o multiculturalismo ancorado nas discussões da educação de surdos, viabiliza

Assim, a concepção bilíngue para surdos parece ser uma forma humana e coerente para que possam transitar de forma acessível no meio da grande maioria ouvinte. É urgente que escolas bilíngues sejam plenas em suas proposições quanto à educação de surdos brasileiros, pensando não somente em duas línguas em si, mas no direito de conquistar a oportunidade de participação na cultura ouvinte sem, no entanto, se sujeitar ou abrir mão de sua identidade e cultura. Significa possibilitar que ele se

⁵ A pedagogia visual é compreendida segundo Campello (2007) que defende o uso da visualidade na educação dos surdos e de uma “pedagogia visual”, explicada como aquela que faz uso da língua de sinais e elementos da cultura surda.

torne bicultural, e, portanto, conhecedor da cultura surda e da ouvinte também, compreendendo que a sociedade brasileira é constituída por diferentes culturas. Adotar o multiculturalismo crítico dentro de uma perspectiva bilíngue possibilita que a escola compreenda, contextualize, inclua o surdo no mundo, e não somente no ambiente escolar. Este é um caminho a ser seguido para que se ampliem as possibilidades de sucesso na educação escolar dos surdos. A perspectiva multicultural crítica aponta de forma relevante como sedimentar as transformações da sociedade e das próprias comunidades surdas, perante a construção identitária dos surdos, como cidadãos plenos de deveres e direitos. (KELMAN, SILVA & IVENICKI 2016. P 10)

A interface do multiculturalismo na educação dos estudantes surdos nos permite aproximar suas perspectivas teóricas, no intuito de resgatar no espaço escolar práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade cultural e identitária, justamente por entender as identidades como constituídas em espaços e discursos plurais. Tal perspectiva possibilita reflexões a respeito das estratégias pedagógicas e da produção de materiais didáticos, já que se trata de um conjunto de princípios que possibilita discussões práticas de como lidar com as identidades minoritárias.

Incorporamos em nossa proposta a ideia de que para produzir materiais pertinentes as práticas de uma educação bilíngue para surdos, existe a necessidade de respeitar a comunicação utilizada pelos educandos, logo, se tornar essencial o uso da Língua de Sinais (Libras) constituída essencialmente por signos visuais, como maior aliado no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, em nossas produções há uso de imagens, escritas de sinais e datilografia de palavras-chave, que irão nortear o aluno sobre a atividade elaborada, no intuito de potencializar e solidificar a construção do conhecimento pelo sujeito surdo e o seu processo de ensino(CANEN & SANTOS, 2009)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa resultou na intenção de apontar a necessidade de construirmos práticas pedagógicas de ensino voltadas a construção de materiais didáticos próprios para os alunos surdos bem como propor estratégias de ensino que preconizem práticas na perspectiva da pedagogia visual, tendo em vista a falta de materiais e estratégias acessíveis nesta modalidade de ensino.

Nossas discussões esbarram no ideário de traçar melhores práticas e estratégias pedagógicas para trabalhar com os alunos surdos. Assim, percebemos quanto produtivo e eficaz se mostram as estratégias de ensino e aprendizagem quando utilizamos a perspectiva da pedagogia visual (CAMPELO, 2007) que prioriza uso de símbolos e elementos visuais na construção do processo de ensino e aprendizagem.

Entendemos que, os materiais destinados aos discentes surdos baseados em uma perspectiva de ensino bilíngue podem não ser suficientes para garantirmos uma educação de qualidade, se não estiverem atrelados as intenções e práticas pedagógicas, no qual principalmente o material impresso não pode ser considerado um único meio para apresentação dos conteúdos curriculares, e sim um dos caminhos que farão parte deste processo.

Desse modo, corroboramos os pressupostos que compreendem as experiências visuais como base preconizadora na construção do conhecimento durante o processo de ensino-aprendizado dos sujeitos surdos, uma vez que suas experiências de mundo são do campo visual espacial. Como afirma Kelman (2011) precisamos avançar nos mecanismos de letramento dos surdos, alertando para uma metodologia diferenciada se comparadas às dos ouvintes, viabilizando processos significativos (mediação semiótica) de aprendizado que construa conexão a partir das experiências de vida dos aprendizes.

A mediação semiótica é aqui entendida como parte do processo de construção do conhecimento/ de significação, visto intermediar significados e construir estratégias e/ou ferramentas para ensinar de modo que o faça sentido para o aluno e a aprendizagem aconteça por meio da apropriação/compreensão (KELMAN, 2011).

Nesse sentido, acredita-se que a experiência visual é um campo de investigação e discussão que deve ser mais bem aproveitado pelos profissionais da surdez e pela comunidade surda. A experiência visual não pode ser vista apenas como um elemento inspirador de ferramentas e estratégias de apoio, e sim deve tensionar uma “visualidade aplicada”, ou seja, tensionar para que as práticas pedagógicas, os artefatos tecnológicos, as arquitetura curriculares e os próprios prédios das escolas de surdos sejam problematizados e propostos a partir da compreensão da experiência visual. (LEBEDEFF, 2017.p.248)

Logo, intensificarmos pesquisas relacionadas as produções de materiais e mudanças nas estratégias metodológicas que reconheçam as necessidades específicas dos educandos surdos, tornam-se essenciais para que ocorram mudanças satisfatórias, deslocando o que é produzido como adequação do que temos disponível ao ensino de discentes ouvintes, para materiais específicos ao ensino de discentes surdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto a pesquisa concentra-se em promover a discussão acerca da necessidade de produzir e pensar as estratégia de ensino de surdos tendo em vista a especificidade linguísticas e socioculturais, uma vez que a produção dos materiais didáticos existentes, não abordam os conteúdos por meio de uma metodologia acessível ao aprendiz surdo, uma vez que foi pensada e idealizada para um público ouvinte que faz uso de uma língua distinta. Por isso, não atendem as suas especificidades linguísticas. Por outro lado, mostram-se os recursos do campo visual-espacial como um recurso facilitador nas estratégias de ensino, evidenciando a necessidades de materiais didáticos que explorem esse campo preconizando o uso das estratégias da pedagogia visual como forte contribuição para tais produções.

Desta forma, propormos estudos que aprofundem estratégias e produção de materiais didáticos para o ensino de surdos, uma vez que ainda há carência no cenário educacional que dêem suportes pedagógicos para os profissionais que estão inseridos nestes contextos educacionais ou até mesmo em contextos educacionais de inclusão.

Palavras-chave: Educação de surdos;Material didático; ensino-surdo

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Lei nº5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- CAMPELLO, A. R. Pedagogia Visual ; Sinal na Educação dos Surdos. IN: QUADROS, R. M; PERLIN, G. (Org.). Estudos Surdos II. Petrópolis: Editora Arara Azul. 2007.
- CANEN, A. & SANTOS, A. R. *Educação Multicultural: Teoria e Práticas para Professores e Gestores em Educação*. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna Ltda, 2009.
- FAVORITO, Wilma. “O Difícil são as palavras”: representações de/sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos surdos / .- Campinas, SP : [s.n.], 2006.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à pratica educativa/Paulo Freire: Paz e Terra, 2012.
- KELMAN, C. A. ; SILVA, E. V. N.; IVENICKI, A. . Perspectivas Multiculturais na Educação de Surdos/. *Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives*, v. 24, p. 1-18, 2016.
- KELMAN, C.A. *Letramento do aluno Surdo: considerações sobre compreensão e escrita em L2*. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, SME. Subsecretaria de Ensino/ Coordenadoria de Educação, 2011. Disponível em <https://ihainforma.files.wordpress.com/2011/10/celeste-azulay-kelman-letramento-do-aluno-surdo.pdf>
- LEBEDEFF, T.B. *O Povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez*. IN: LEBEDEFF, T.B. (Org.). *Letramento Visual e Surdez*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.
- YIN, Roberto K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2ª Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam. 2001